O CENTENÁRIO DE BAPTISTA PEREIRA

Rubens de Azevedo

Dentre os galardões que me foram propiciados ao longo da vida, cultuo, com humildade e ao mesmo tempo com orgulho, aquele que me foi oferecido pela Providência de ter privado da amizade e confiança de Antônio Baptista Pereira, um dos mais ilustres intelectuais brasileiros, genro de Rui Barbosa e Secretário da famosa Conferência de Haia. Nascido no Rio Grande do Sul, foi formado espiritualmente em S. Paulo, tornando-se um dos mais festejados intelectuais daquele Estado. Foi professor do Colégio São Bento e colaborou nos jornais paulistanos ao lado de Eduardo Prado, de quem era amigo íntimo. Num concurso para professor do Ginásio de Campinas, concorreu com Coelho Neto, derrotando-o. Foi sua consagração. Rodrigues Alves, que vivia atento aos valores da nova geração, recomendou Baptista Pereira ao Barão do Rio Branco, que o fez ingressar na carreira diplomática. Sua designação para a Embaixada especial em Haia mudou por completo sua vida. Acompanhando Rui Barbosa, tornou-se-lhe íntimo e acabou por casar com a filha de Rui. "Dotado de memória que raiava pelo miraculoso", segundo Américo Jacobina Lacombe, adquiriu formidável cultura que esbanjava generosamente. Abandonando a carreira diplomática, dedicou-se a uma função judiciária e seu nome eclipsou-se diante do nome de Rui, o sogro. Com a morte deste, porém, ressurgiu sua fama de estilista e orador. Recuperou, rapidamente, o lugar merecido nas letras nacionais e passou a produzir ardorosamente obras de fôlego ao lado de artigos no O Estado de S. Paulo. São bem conhecidos os trabalhos sobre São Paulo Antigo, Barão de Ramalho e Eduardo Prado, preciosas monografias editadas em "plaquette". Seu livro Diário da Capela, em que relata as suas memórias no cárcere, ob-

teve êxito imediato. Detalhava a sua vida na prisão, para onde fora mandado por lutar pela Democracia e por São Paulo. Publicou, ainda, A Cidade de Anchieta, onde se mostra crítico feroz do Padre Manuel da Nóbrega e O Circuito de Piratininga, onde ressuscita o perfil da cidade antiga.

O Centenário de Baptista Pereira foi condignamente comemorado em S. Paulo, destacando-se o Mosteiro de São Bento, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, a Academia Paulista de Letras, a Academia Paulista de História. A Casa de Rui Barbosa, no Rio, associou-se ao evento.

Apenas para dar uma mostra do estilo de Baptista Pereira, um pequeno trecho das notas para as suas Memórias Inéditas: "Certas bacias das nossas angras, nas horas de maré, apenas apresentam, ao que as contemplam, o espetáculo das espumas, que o cajado invisível da brisa tange, como um pastor aos seus carneiros. Mas amaina o sopro. E o fundo de granito aparece através da superfície remansada. Quando o sopro descuidoso da desambição, dos hábitos ou das paixões aplaca, aparece o floramento do rochedo que os reveste da durabilidade das coisas eternas".

Conheci Baptista Pereira numa sessão da Sociedade Interplanetária Brasileira, em São Paulo. Quando ele soube que eu era desenhista e, mais ainda, um apaixonado pelas coisas do Egito Antigo, propôs-me trabalhar com ele num projeto que poderia modificar para o mundo inteiro a imagem da História Antiga. Entusiasmado com a idéia, passei a colaborar com ele.

Falar do tesouro que foi a presença de Baptista Pereira na nossa vida (minha e de minha mulher Jandira), é impossível. O espaço é pequeno para falar das tardes em que trocávamos idéias sobre literatura, arte na qual ele nos parecia um poço sem fundo. No Rio, em seu apartamento da Rua Mascarenhas de Morais, onde passamos uma temporada, brincávamos num jogo de memória no qual era ele sempre o vencedor. O jogo era assim: "Quem era o criado de D'Artagnan?" "Grimaud servia a qual dos Mosqueteiros?", "Quem esfaqueou Buckingham, a mandado de Milady?", "Como era o nome da família de Cosette?'... e assim por diante. Um dia, em que desenhava o perfil da Baía de Guanabara para ilustrar suas pesquisas, recitei baixinho: "Estrela que brilha sobre a colina, triste lágrima de prata do véu da noite, onde vais tu, nessa noite imensa?" Imediatamente Baptista Pereira continuou o belo poema de Lamartine, mas em francês, aquele mesmo francês que motivou uma manchete de primeira página em jornal parisiense, onde se elogiava o francês do Secretário da Conferência de

Haia. O jornal terminava sua nota sobre Baptista declarando: "Oxalá os franceses, em sua maioria, soubessem falar como o Secretário brasileiro".

Durante anos tivemos o prazer de conviver com Baptista Pereira e ouvir dele as mais espantosas histórias das cortes européias, que ele conhecia como poucos, perfeito "homme du monde" que era.

Para acompanhar Baptista, que vivia entre seus apartamentos do Rio e S. Paulo, tive que ocupar um emprego na Secretaria de Justiça de S. Paulo – emprego esse apenas nominal. Dizia ele que o meu trabalho, ao seu lado, bem valia essa modesta sinecura...

Passávamos os dias estudando a orografia do Rio de Janeiro e o Livro dos Mortos, bíblia do Osirismo, que Baptista chamava de "Pert-M-Ru", ou seja, a abertura da Boca, em egípcio. Bibliófilo e glotólogo, além de etimologista profundo, Baptista dominava perfeitamente o grego, o latim, o francês, o inglês... e o tupi. Arranhava alguma coisa de sânscrito, de árabe e outras línguas necessárias a uma pesquisa em profundidade. Realizou um dicionário tupi-egípcio em 12 volumes, os quais continuam inéditos e encadernados, possivelmente guardados na Casa de Rui Barbosa, para onde foi o seu acervo bibliográfico. Com esse dicionário, Baptista provava à sociedade o parentesco entre o tupi e o egípcio. Com seus profundos conhecimentos, me garantiu que o tupi era a língua-máter dos egípcios antigos; com o decorrer do tempo, a língua modificou-se e transformou-se no egípcio que Champollion destrinçou. O assunto escapava à minha capacidade e não tenho elementos para concordar ou discordar de Baptista Pereira.

Quando numa roda, Baptista, sem querer, fazia com que todos silenciassem para melhor gozar de sua prosa; ele era um "causeur" incomparável – talvez o último abencerragem dessa arte desaparecida. Era ele uma enciclopédia ambulante a deitar sabedoria e bom humor por todos os poros.

O nome de Baptista Pereira é pouco conhecido fora de S. Paulo. E, mesmo ali, o seu trabalho não chegou a aparecer, pois, em seus últimos anos de vida dedicou-se à pesquisa histórica e bibliográfica, bem como aos estudos de Egiptologia – mas não chegou a publicar o resultado de suas pesquisas, sendo, mesmo, considerado por alguns poucos intelectuais, destacados, mas sem cultura, como um maníaco. Acreditamos que o futuro fará justiça a esse grande homem.